

EMANCIPAÇÃO SOCIAL E EXCLUSÃO NO COTIDIANO ESCOLAR: A HOMOFOBIA E SUA INFLUÊNCIA NAS TESSITURAS IDENTITÁRIAS DE DENIZE SEPULVEDA

<https://orcid.org/0000-0003-4460-7704>  José Antonio Sepulveda^A

^A Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ, Brasil

Denize Sepulveda, em sua obra “Emancipação Social e Exclusão no Cotidiano Escolar: a homofobia e sua influência nas tessituras identitárias”, publicada pela editora CRV, no ano de 2025, oferece uma análise profunda e necessária sobre a homofobia no ambiente educacional, destacando como essa forma de violência impacta a construção das identidades de estudantes. Dividido em cinco capítulos, além de uma introdução e considerações finais contundentes, o livro combina rigor acadêmico com sensibilidade social, tornando-se uma leitura essencial para educadores, pesquisadores e todos comprometidos com uma escola mais justa e inclusiva.

Por meio da metodologia da “Pesquisa nos/dos/com os cotidianos”, a autora transporta o público para um mundo de relatos que evidenciam a violência institucional direcionada à comunidade LGBTI. Essas narrativas surgem em um espaço onde se pressupõe acolhimento, bem-estar, proteção e vínculos afetivos. O mais chocante é que a maior parte das agressões descritas é perpetrada por educadores que, baseados em uma visão particular – frequentemente religiosa –, não reconhecem suas ações como violentas. Pelo contrário, acreditam que, ao expor publicamente a sexualidade dos e das discentes, estão guiando-os pelo “caminho correto”. Segundo Sepulveda, é justamente quando a pessoa apresenta marcas identitárias diferentes das esperadas que muitas alunas e alunos acabam sendo vítimas de preconceito e discriminação no interior da escola.

Portanto, a autora defende uma pesquisa engajada e reflexão pessoal, sem medo de se posicionar. No primeiro capítulo, “Desafios de uma pesquisadora em permanente formação”, Sepulveda não apenas situa seu objeto de estudo, mas também reflete sobre seu próprio percurso como pesquisadora, assumindo uma postura autocrítica e dialógica. Essa abertura



enriquece o trabalho, mostrando que a investigação científica não é neutra, mas atravessada por vivências e desafios pessoais.

Ao refletir sobre a sua metodologia adotada, a autora se defronta com as dificuldades “dos emaranhados de fios que compõem o cotidiano escolar”. Para ela, essa reflexão abre um conjunto de potencialidades que podem ampliar práticas emancipatórias, o que ela defende como prática de vida: lutar contra a exclusão.

Ressalto o elemento contextual de análise do perfil institucional como um ponto alto do livro. Os capítulos seguintes (“Da sociedade à escola – sobre a rede de Ensino Faetec” e “O perfil da escola pesquisada” 3 e 4 respectivamente) oferecem um mapeamento socioeducacional preciso, situando o leitor no cenário investigado. A autora demonstra como a escola, enquanto espaço de reprodução de desigualdades, também pode ser um território de resistência e transformação. Para isso, ela destrincha a história escondida da Escola Estadual de Ensino Fundamental República, debatendo seus mitos e suas memórias acerca de um lugar construído para a exclusão, pois a escola fazia parte do complexo da antiga Fundação Nacional de Bem-Estar Menores (FUNABEM), responsável por medidas socioeducativas para jovens detidos por delitos sociais.

Um destaque fundamental do livro é a construção dos relatos de sua pesquisa demonstrando a partir de quatro casos como a violência LGBTIfóbica se produz na escola. Dessa forma, o quarto capítulo, “Formação de identidades e processos de subjetivação na escola: casos de homofobia”, é onde o livro ganha força narrativa e analítica. Sepulveda apresenta casos reais de discriminação, mostrando como a violência homofóbica não só fere indivíduos, mas também estrutura relações de poder dentro da escola. Sua abordagem revela como a LGBTIfobia interfere na autoestima, no desempenho escolar e na própria possibilidade de existência digna de jovens LGBTI. Como Sepulveda (2025, p.216) coloca:

Assim, foi necessário dar visibilidade a algumas dessas práticas para percebermos que na tessitura das identidades de todos os estudantes estão presentes aprendizagens emancipatórias e processos de subjetivação que podem ser entendidos como aprendizagens regulatórias. Em muitas das histórias aqui narradas o sofrimento foi um alinhavo permanente das tessituras identitárias de alguns estudantes, tendo-se transformado, para alguns em potência e, para outros apenas acusado dor.

A partir da obra de Foucault e outros autores, Sepulveda se preocupa com os processos de subjetivação de quatro estudantes estigmatizados pela escola, com foco principal nos

rótulos construídos por professores sobre as identidades de gêneros e sexualidades de seus estudantes. Para isso ela analisa os casos de Bernardo, que por conta de seu comportamento era desacreditado pela escola; conta a história de Marina que tentava esconder a sua orientação sexual; conta a história de Carlos que ficou conhecido na escola como menino purpurina; e a Karina, a menina que não gostava de se maquiar.

O quinto capítulo, “Religião e discriminação na escola: mais casos de homofobia”, a autora enfrenta um tema espinhoso ao discutir como discursos religiosos podem legitimar práticas excludentes. Sem desconsiderar a importância da fé na vida das pessoas, ela problematiza o uso dogmático de argumentos religiosos para justificar preconceitos, reforçando a urgência de uma educação laica e plural.

A laicidade do Estado, segundo a autora, é um pilar fundamental para assegurar que a educação não seja instrumentalizada por visões confessionais ou morais particulares. Sepulveda argumenta que a escola laica não é "neutra", mas sim comprometida com princípios democráticos, como a equidade e a não discriminação. Isso implica reconhecer que os gêneros e as sexualidades são dimensões humanas legítimas, que devem ser discutidas com base em conhecimentos científicos e em direitos humanos, e não a partir de tabus ou imposições religiosas.

A perspectiva da autora enfatiza que a escola tem o compromisso de combater estereótipos de gênero e a LGBTifobia, pois a omissão diante desses temas reforça desigualdades e violências. A educação sexual laica e emancipatória não se limita ao aspecto biológico, mas aborda também as dimensões culturais, afetivas e sociais das identidades, promovendo o respeito às diferenças. Negar essa discussão sob qualquer argumento religioso, é, na visão dela, uma estratégia conservadora que desrespeita o caráter plural da sociedade.

Embora os marcos legais, como a Constituição Federal e as diretrizes educacionais, defendam uma educação laica e inclusiva, há fortes resistências de setores religiosos e políticos que buscam censurar abordagens sobre gêneros e sexualidades. Sepulveda alerta que essa disputa reflete um projeto de poder que visa manter hierarquias sociais baseadas em normas heteronormativas e patriarcais. A escola, portanto, deve ser um campo de resistência a esses discursos, assegurando que todos os estudantes – independentemente de sua identidade de gênero ou orientação sexual – tenham seu direito à educação plenamente garantido.

Ao inserir o debate religioso na sua análise, a autora compreende que a escola não pode se omitir diante das questões dos gêneros e das sexualidades, pois são dimensões fundamentais da vida social e da formação identitária dos sujeitos. A autora argumenta que a educação deve ir além do currículo tradicional, incorporando discussões que desconstruam estereótipos e preconceitos relacionados a masculinidades, feminilidades e diversidade sexual.

Uma das críticas centrais em sua obra é a forma como a escola, muitas vezes, reforça normas binárias (homem/mulher) e heteronormativas (a heterossexualidade como única orientação sexual válida). Sepulveda defende que a educação deve questionar esses padrões, permitindo que estudantes se reconheçam em suas múltiplas identidades, livres de discriminação.

A autora também enfatiza a importância da formação docente para lidar com essas questões. Professores e professoras precisam estar preparados para acolher as diferenças e mediar conflitos relacionados aos gêneros e as sexualidades, evitando a reprodução de violências simbólicas e estruturais.

As ideias de Denize Sepulveda defendidas no livro apontam para a urgência de uma educação que dialogue com os diferentes marcadores de gênero, raça, classe, sexualidade, entre outros, combatendo não apenas o sexismo, mas também o racismo e a LGBTIfobia. Sua contribuição reforça que a escola deve ser um espaço de transformação social, onde todas as identidades sejam valorizadas. Essa perspectiva é essencial para pensarmos em uma educação verdadeiramente democrática e inclusiva. Em suas próprias palavras: “em minha maneira de ver, lutar e apostar na transformação do mundo em um mundo melhor, considero que tais práticas se constituem como provocadoras e perpetuadoras do sofrimento” (Sepulveda 2025, p.220).

Encerrando o livro, Sepulveda não se limita a denunciar a homofobia, mas aponta caminhos para sua superação, defendendo uma pedagogia antirracista, antissexista e anti-LGBTIfóbica. Suas reflexões finais são um chamado à ação, insistindo na escola como espaço de emancipação social. Como ela mesma diz no último parágrafo do livro “foi necessário dar visibilidade a essas práticas para potencializar o combate a elas. Só assim poderemos de fato pensar na promoção de uma política/prática educacional emancipatória e de cunho democrático (...)” (Sepulveda, 2024 p.221).

Dessa forma, a professora e pesquisadora Denize Sepulveda destaca-se como uma voz relevante no campo dos estudos dos gêneros e das sexualidades, especialmente no contexto educacional. Seu trabalho aborda as interseções entre educação, diversidade sexual e relações de poder, contribuindo para a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas e críticas. Com uma abordagem interdisciplinar, a autora investiga como as normas de gênero e os padrões heteronormativos se reproduzem no ambiente escolar, muitas vezes perpetuando desigualdades e exclusão. Suas reflexões enfatizam a necessidade de desconstruir estereótipos e promover diálogos que reconheçam a pluralidade de identidades e expressões de gêneros e sexualidades.

O livro “Emancipação Social e Exclusão no Cotidiano Escolar: a homofobia e sua influência nas tessituras identitárias” é uma obra corajosa e fundamental. Sepulveda une teoria crítica, pesquisa de campo e escrita acessível para tratar de um problema ainda negligenciado em muitas instituições de ensino. Seu trabalho não apenas dá destaque as violências cotidianas enfrentadas por alunos LGBT, mas também inspira educadores a se posicionarem contra todas as formas de opressão. Uma contribuição indispensável para a luta por uma educação verdadeiramente inclusiva. O que torna esse livro uma leitura obrigatória para profissionais da educação, militantes dos direitos humanos e todos que acreditam que a escola deve ser um lugar de acolhimento, não de exclusão.

Além disso, sua produção acadêmica e atuação docente incentivam a formação de educadores comprometidos com a equidade, questionando estruturas tradicionais que marginalizam pessoas LGBTI e outras minorias. Ao trazer temas como bullying homofóbico e educação sexual para o centro do debate, Sepulveda fortalece a luta por uma escola democrática, onde as diferenças de gêneros e sexualidades sejam valorizadas como parte fundamental do processo educativo.

Em um cenário de retrocessos e resistências, o trabalho de Denize Sepulveda serve como um instrumento de luta para pesquisadores e profissionais da educação que acreditam na transformação social através do conhecimento. Sua trajetória reforça o papel da academia na defesa de direitos humanos e na construção de sociedades mais justas e igualitárias.

REFERÊNCIA:

*Revista Interinstitucional Artes de Educar. Rio de Janeiro, V.11, N.2 - pág. 342-347 mai. - ago. de 2025:
“Desafios da Formação Profissional no Teatro Acessível - Escola Técnica Estadual de Teatro Martins Pena” –
DOI: 10.12957/riae.2025.92026*

SEPULVEDA, Denize. *Emancipação Social e Exclusão no Cotidiano Escolar: a homofobia e sua influência nas tessituras identitárias*. Curitiba: CRV, 2025.